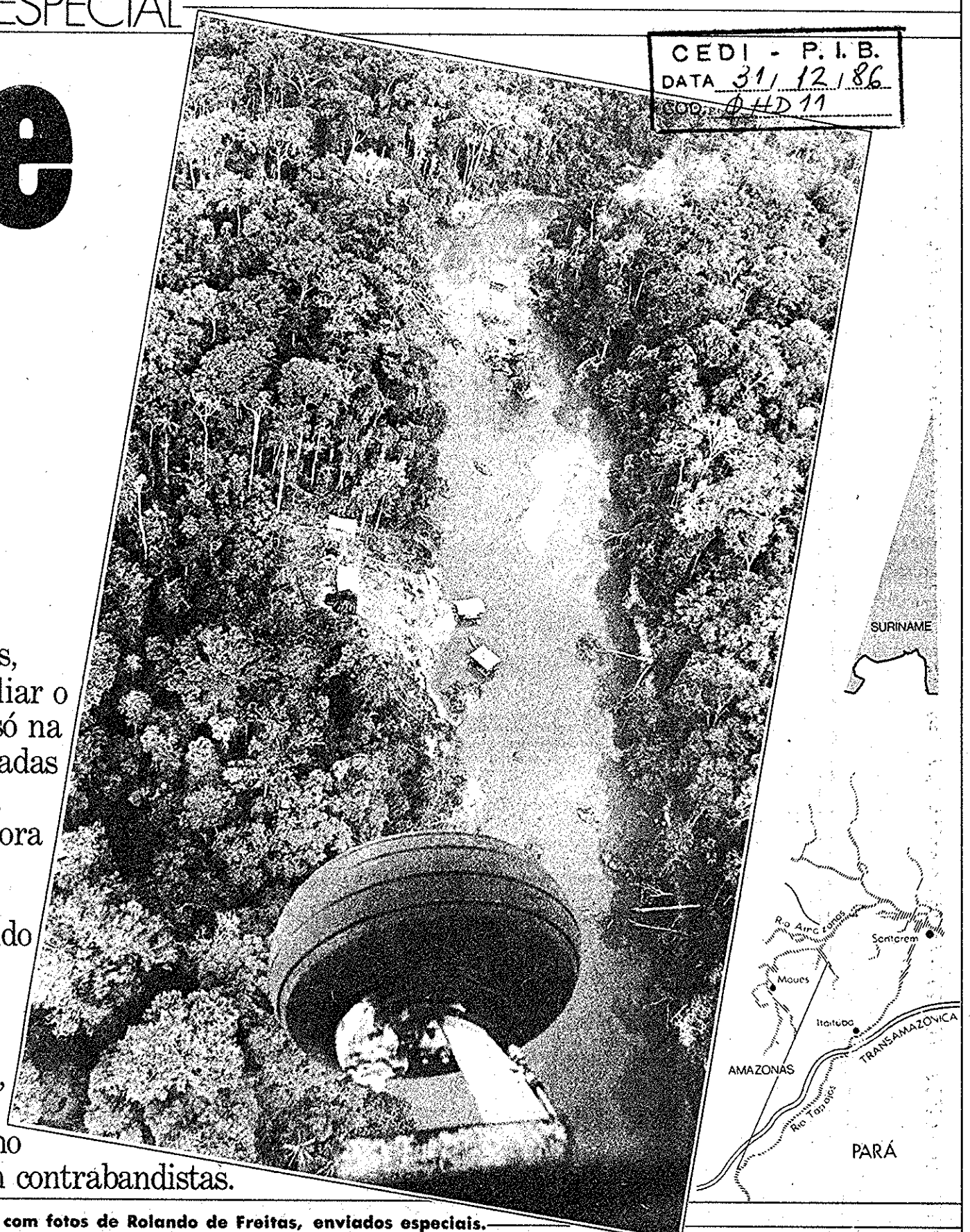


O grande roubo do ouro

Um esquema complexo, bem montado, campos clandestinos, aviões, prepostos, grandes prejuízos para o País. Como avaliar o volume desse contrabando? Nem o governo sabe ao certo: só na região de Maués (veja o mapa), no Amazonas, foram retiradas ilegalmente cerca de 15 toneladas de ouro, no ano passado, segundo cálculos de homens da Polícia Federal. E a senadora Eunice Michiles, do PDS, vai falar sobre isso no Senado nos próximos dias. Mas o governo está atento: na semana passada, anunciou a disposição de agir contra o contrabando de ouro, embora até agora só exerça mesmo controle sobre o garimpo de Serra Pelada. O desafio: como vigiar caminhos quase insondáveis, só árvores e rios, onde um avião que cai pode desaparecer para sempre? (Geralmente, os ocupantes desses aviões acidentados não morrem na queda, e sim devorados por feras — ou de fome.) É como se diz em Manaus: ninguém crê em discos-voadores; só em contrabandistas.



CEDI - P. I. B. DATA 31/12/86 COD: 04411

Reportagem de Percival de Souza, com fotos de Rolando de Freitas, enviados especiais.

Cena nº 1 — É um voo solitário na Amazônia. O piloto — que vamos chamar de V. — por motivos de segurança — está fazendo o trabalho das antigas diligências: seu monomotor leva mantimentos para os pioneiros dos garimpos; na volta, poderá trazer pacotes de ouro ou um homem doente. Ele e seu avião são o elo de ligação daqueles aventureiros com a civilização. V. está voando há quase uma hora; embaixo, só árvores e rios.

Chega a seu destino e volta exatamente pela mesma rota. E, de repente, onde horas antes só havia selva, aparece uma pista, com alguns aviões sem prefixo. V. não se importa, sequer olha melhor: ele já está acostumado a encontrar esses campos de aviação camuflados por vegetação, que escondem também os aviões agora prontos para decolar rumo a várias fronteiras — principalmente a das Guianas. Ele sabe que, se tentar descer numa dessas pistas, duas coisas podem acontecer:

1 — a pista estará obstruída por toras estendidas; ou

2 — se o campo for movimentado, encontrará, na cabeceira da pista livre, metralhadoras prontas para atirar em aviões "não autorizados".

Nos últimos três meses, nas regiões de garimpo do Amazonas e Pará, 16 aviões e seus pilotos desapareceram, nunca mais foram vistos. Acidentes ou, mais provavelmente, a força do contrabando de ouro.

Cena nº 2 — Num campo perdido de garimpo, na região de Maués, um certo Zezão, tipo violento e ignorante, contrabandista conhecido pela Polícia Federal, diverte-se com algumas mulheres. Assim: atirando facas contra elas, colocadas na frente de árvores, para desenharem suas silhuetas — como nos espetáculos de circo. Mas Zezão não tem a habilidade dos artistas. Seus garimpeiros — mantidos em regime de escravidão — são obrigados a presenciar três assassinatos, provocados por má pontaria.

Alguns garimpeiros que tentaram fugir foram mortos a tiros; e seus corpos enterrados na cabeceira da pista do campo de aviação do garimpo. A Polícia Federal encontrou sete desses corpos. Zezão, que levava seu ouro para as Guianas, está sendo procurado até hoje.

Na rota do contrabando de ouro, as mortes são comuns. O comando do contrabando é poderoso, os nomes dos chefes são até conhecidos — apenas faltam provas. O governo está começando a agir, mas ainda vai precisar usar muita energia.

OS CAMINHOS

Desviado ou contrabandeado, o ouro sai dos garimpos — através de campos conhecidos ou quase secretos. As fórmulas de desvio ou contrabando são conhecidas das pessoas que conhecem bem a região.

Como transportar o ouro que não é comercializado legalmente, com registro na Receita Federal e expedição de guias? Dentro de maletas, estilo executivo; dentro de latas de vinte litros de combustível (às vezes, além do ouro, as latas possuem mesmo gasolina ou óleo...) e por pilotos que trabalham para determinados garimpos.

Num esquema fixo, esses pilotos — única forma de contato ou de subsistência dos garimpeiros — levam comida e, no retorno, transportam ouro.

Alguns pilotos recebem em gramas de ouro pelo seu trabalho. Por esse motivo, na hora de comercialização legal, todo piloto precisa ter uma carteira de garimpeiro, recente exigência obrigatória do governo. Mas o piloto também pode ir acumulando o seu ouro.

Atenção, segredo: esse ouro — a essa altura, quilos — pode sair da região quando eles voam para as chamadas "revisões de célula" (motor ou trem de aterissagem), especialmente nas cidades de Marília (SP) e Londrina (PR).

Mas Aracatuba pode fazer parte desse roteiro.

No caso de Marília, por exemplo, pode-se fazer um voo quase direto, apenas uma parada para abastecimento em Barra do Garça, Mato Grosso. Entretanto, esse ouro também pode ficar durante o caminho. Segundo um oficial da Aeronáutica revelou ao JT, em Brasília, as regiões de Maués e Itaituba seriam pontos-chaves do contrabando, de um lado, e pistas clandestinas nas proximidades da Serra de Tumucumaque — que, Amapá e Roraima, de outro. Há monomotores com 5 a 6 horas de autonomia — e os vãos desconhecidos, sem rota, são comuns na Amazônia — o maior tráfico do Brasil.



Avião voando baixo sobre a selva: pode estar levando alimentos para garimpeiros. Ou pode estar rumando para uma pista clandestina.

E ainda esse oficial da Aeronáutica que enfatiza a importância da região entre Itaituba e Maués, porque ela possui "um universo de garimpos", o que é absolutamente verdadeiro e o governo já reconhece.

Para esse oficial, é indispensável haver um policiamento entre as fases de produção e comercialização do ouro. Na fase intermediária, está o grande problema: o garimpeiro nunca usa dinheiro, tudo é pago em gramas de ouro.

FALTA DE CONFIANÇA

Distante da realidade dos garimpos, alguém poderia sugerir a união de pequenos grupos de garimpeiros. Mas existe um problema fundamental: eles não confiam uns nos outros, possuem uma cultura e um mundo próprios.

A estrutura dos garimpos permite, desse modo, que haja aquilo que o oficial da Aeronáutica chama de "ponte aérea" do contrabando.

E, segundo um homem do Exército ligado aos serviços de informação, os principais contrabandistas de ouro são conhecidos, nominalmente, pelo governo. Esse homem, de Brasília, não esconde sua revolta pela situação, quando desabafa, em sua modesta casa térrea, "que não é por falta de relatórios que ainda não foram tomadas medidas mais urgentes".

Mas qual seria o conteúdo desses relatórios secretos? No Pará, é conhecida na região dos garimpos a fama do major Luchini, do Con-

selho de Segurança Nacional. Curioso, como é mais conhecido esse major, esteve há duas semanas numa região de garimpos em Conceição do Araguaia, do mesmo modo como é o todo-poderoso homem do governo em Serra Pelada. De seus relatórios partiram muitas decisões — e de seu prestígio pessoal ninguém duvida. Do aeroporto de Marabá, certa vez, precisava falar com urgência pelo telefone, com o presidente da República. E falou. Sem contar que, em determinadas ocasiões, circula com rapidez e desembaraço por salas bem próximas à da Presidência, em Brasília.

De qualquer forma, o governo implantou em Serra Pelada uma experiência, seguida pouco tempo depois de uma outra, em Itaituba, como veremos durante essa série de reportagens.

Os relatórios dão conta de que no caso do desvio de ouro os principais responsáveis estão em São Paulo; alguns, no Rio de Janeiro. Dentre todos, um é o considerado mais forte. Seu nome não será revelado, aqui, por inexistência de provas oficiais, embora haja algumas evidências. O senhor M (essa é a inicial de seu sobrenome) é um homem que já foi visto, e várias vezes, nas regiões próximas aos garimpos, transportando, com certa discrição, até 100 milhões de cruzeiros em maletas. Este pode ser o valor de operações, num dia de grande movimento. Mas o senhor M. não viaja regularmente, porque possui os seus representantes na área.

M. não aparece com frequência, mas investir contra ele exige redobradas cautelas: ele é registrado como comprador de ouro, normalmente, e não dever ter dificuldades em demonstrar que é um cidadão acima de qualquer suspeita. Basicamente, porém, M. é um contrabandista bem-sucedido, que até pouco tempo usava de um artifício criminoso para transportar o ouro "legalmente": ele declarava determinada importância e obtinha a guia de livre trânsito. Essa mesma guia, no entanto, era utilizada várias vezes...

Além de M., existem S., L., e outros — conhecidos ou desconhecidos.

PISTA OBSTRUÍDA

Curiosamente, na área dos garimpos, informações como essa não causam impacto. Assim, foi com certa naturalidade que, há poucos dias, o presidente em exercício do Aero Clube do Amazonas, Fernando Ramos Pereira, pediu abertura de inquérito policial contra dois pilotos — Victor Meneghetti Bugre e Hércules Freitas Filho.

Os dois foram acusados de terem roubado de um Cessna modelo 170-A uma bequilha e uma bomba de vácuo com todos os acoplamentos. O inquérito foi aberto em consequência de uma representação feita pelo Aero Clube do Amazonas. E, segundo essa representação, os dois pilotos acusados estariam voando em aeronaves clandestinas, na área de garimpos, e "possivelmente operam também em contrabando de ouro".

Victor e Hércules, os dois acusados, estariam morando em Roraima. Nesse território, com quase 400 quilômetros de fronteira com a Venezuela, existem denúncias sobre ouro contrabandeado para o Exterior — além de urânio, diamantes e cassiterita.

E nessa fronteira que, segundo já denunciou o deputado Nivaldo Krueger (PMDB-PR), haveria uma "missão pseudo-religiosa", integrada por técnicos estrangeiros, que

fariam a exploração e o contrabando de ouro e minérios, através de aeroportos clandestinos, "com intenso tráfego aéreo".

Esses campos clandestinos são difíceis de serem detetados. Atualmente, os contrabandistas chegam ao requinte de camuflar completamente as pistas, cortando vegetação para cobri-las. É perfeitamente possível, diz um piloto em Belém, voar sobre esses campos sem perceber que eles existem. Esse experiente piloto (que pede para seu nome ser omitido) conta sua experiência:



Cena comum nas pistas de pouso junto aos garimpos: maletas com milhões de cruzeiros em ouro sendo embarcadas.

— Fiz um voo e pernoitei num lugarejo. Na volta, fiz a mesma rota e vi, em determinado trecho, uma pista com três aviões aterrissados, que eu não havia visto no dia anterior.

Alguns campos, revela esse mesmo piloto, possuem seus "donos" e ficam próximos a certos garimpos. Ali, só podem pousar aviões autorizados, que fazem a comunicação do voo previamente por rádio. Para outros aviões, a pista está permanentemente obstruída, com toras de madeira atravessando a pista e homens dispostos a atirar, como atiram, com armas de grosso calibre, em caso de vãos mais baixos.

Além disso, os contrabandistas operam com possante sistema próprio de rádio, que o Dentel não tem condições de detectar.

Nos casos de contrabando de menor porte, algumas mensagens cifradas são emitidas por estações de rádio que transmitem mensagens entre as 10 da manhã e 14 horas. A grande maioria das pessoas usa esse sistema de rádio para mandar recados para familiares ou amigos distantes.

"ALÔ, MANUEL"

Um tipo de mensagem cifrada: "Sua mulher vai ter neném — está previsto para as 10 horas de amanhã. Vai ser cesariana". Essa mensagem, já transmitida e cujo significado somente foi descoberto muito tempo depois, poderia ser traduzida mais ou menos assim: "O avião vai pousar às 10 horas de amanhã. Prepare o pessoal para o descarregamento".

(Essa informação foi prestada por um militar, em Santarém. Seu comentário, irônico: "A mensagem é sempre dirigida para alguém. Por exemplo: "Alô, alô, Manuel". É claro que, se houver um verdadeiro Manuel que tenha a mulher grávida, entrará em pânico. Mas a mensagem não é para ele".)

Nesses campos clandestinos, os observadores mais atentos poderão notar aviões sem prefixo. E podem observar arriscados vãos noturnos, motivo para um motorista de táxi fazer um comentário, em Ma-

naus: "Por aqui, ninguém acredita em disco-voador; acreditamos, isso sim, é nos contrabandistas".

Muitos vãos são arriscados, mas não se deve pensar em normas ortodoxas de aviação quando se voa nos garimpos e muito menos quando se faz contrabando (a habilidade desses pilotos também será revelada nessa série de reportagens).

O fato é que o contrabando de ouro (e minérios) é uma realidade no Brasil. O governo, depois de receber muitas informações, está se preparando, aos poucos, para enfrentar essa situação ainda pouco conhecida.

O grupo de trabalho formado pelo Ministério das Minas e Energia que estudou exatamente esse problema incluiu em seu relatório essa observação:

— A falta de controle efetivo enseja o contrabando e o descaminho da maior parte da produção. O governo federal, tentando desestimular a prática de tais irregularidades, através do Decreto nº 66.694, reduziu o imposto único sobre minerais de 10% para 1%. Esta medida não surtiu o efeito desejado, uma vez que a não observância do procedimento legal deve-se ao fato de que a fuga do controle fiscal "desobriga" do pagamento dos tributos posteriores, quais sejam, IPI e ICM, além da possibilidade de obtenção de melhores preços com o produto "não guiado".

Nesse relatório, os técnicos que trabalharam para o governo denunciavam os "agentes de compras ou compradores às vezes não registrados e representando firmas ou grupos não identificados que adquirem o ouro e as pedras nos garimpos, podendo facilmente desviá-los dos trâmites oficiais".

Outra denúncia feita pelo grupo de trabalho do Ministério das Minas e Energias:

— Somente na região de Tapajós há pelo menos 80 garimpos identificados e estima-se que apenas um pouco mais de 10% da produção de ouro obtido é comercializada pelas vias legais, sendo o restante desviado por compradores diversos para o mercado interno ou externo de forma ilícita (contrabando, acarretando enormes prejuízos à Nação).

PRODUÇÃO MARGINAL

Já no município de Maués, Amazonas, a própria Polícia Federal informou que em março desse ano mais de 50% da produção do ouro dos garimpos "Rosa de Maio", "Comandante Peres", "Amanhã" e "Paduari" foram desviados "por grupos estrangeiros para o Exterior". Esses garimpos eram supervisionados por um certo Zezão, que transportava o ouro em aviões de sua propriedade para Itaituba, numa primeira escala.

Mais ou menos nessa época, o governo soube, por intermédio do "Projeto Ouro", desenvolvido pelo Departamento Nacional da Produção Mineral (DNPM), que não possuía o controle nem de 10% da chamada "produção marginal" dos garimpos. Resultado: no ano de 1979, estima-se que foram consumidas entre 30 e 32 toneladas de ouro no País. Oficialmente, porém, os registros oficiais apontam uma produção de apenas 4,5 toneladas.

A LEGISLAÇÃO

Segundo os técnicos nomeados, desde o Império houve preocupação em atrair empresas estrangeiras para explorar principalmente o minério de ferro.

Conforme as pesquisas dos técnicos, alguns poucos grupos ingleses adquiriram jazidas de ferro em Minas Gerais (entre eles, British Ironmasters Dormann, Singel Ltd., Lloyds Bank, Lora Inverforth). Mas, observaram os membros do grupo de trabalho, a transferência de poder político sobre a América Latina (da esfera britânica para a norte-americana) desencorajava os capitais britânicos. Por volta de 1919, apareceu Percival Farquhar, "um hábil agente de negócios", que conseguiu reunir empresas britânicas e norte-americanas para um ambicioso plano de dinamização do Vale do Paraopeba, transformando-o numa gigantesca mina cativa, com ferrovia, rodovia e embarcadouro próprios. Porém, "exigia privilégios e favores fiscais tais que resultavam quase na criação de um Estado dentro do Estado, inviabilizando a iniciativa".

Com Arthur Bernardes, foi reformada a Constituição de 1891, com uma emenda constitucional de 7 de setembro de 1926. As minas passaram a pertencer ao proprietário do solo ("salvo as limitações estabelecidas pela lei") e "as minas e jazidas minerais necessárias à segurança e defesa nacionais, ou as terras onde existirem, não podem ser transferidas a estrangeiros".

Já o Decreto 24.642, de 1934, do presidente Vargas, confiscou a propriedade do subsolo para o Estado. E a Constituição de 1937 definiu (artigo 143, primeiro parágrafo): "a autorização só poderá ser concedida a brasileiros, ou empresas constituídas por acionistas brasileiros, reservada ao proprietário preferência na exploração ou participação nos lucros." A Constituição de 1946, por sua vez, voltou ao texto de 1934... "conferidas exclusivamente a brasileiros ou a sociedades organizadas no País".

As Constituições de 1967 e a Emenda Constitucional de 1969 mantiveram a redação da Constituição de 1946: "a União pode fazer concessões para exploração de minas e quedas d'água, mas somente a brasileiros, ou sociedades organizadas no Brasil".

Essa preocupação em preservar para os brasileiros a exploração das riquezas do subsolo não deve ser vista, dizem os técnicos nomeados pelo Ministério das Minas e Energia, como uma "linha xenofóbica" ou um "jacobinismo passional, egoísta e sectário".

— Assim o sustentam — argumentam — os empresários estrangeiros interessados, seja em eles próprios explorarem os recursos naturais, seja em impedir que do País se extraíssem esses bens. Sendo, por vezes, vendedores, logicamente melhor será que o Brasil os conserve ocultos na terra e continue adquirindo deles aquelas matérias-primas que a indústria necessita.

Eles mostram, ainda, que em 1976 o Brasil importou seis bilhões de dólares de bens minerais, valor equivalente a 42,9% do total das importações brasileiras e mais de 6% do PIB; dos 300 minerais que constituem o fundamento físico da civilização de hoje, "o País conta com 77 e importa o restante necessário à prática da economia que aqui se processa".

— Isto representa o alto grau de dependência em que se encontra o Brasil e permite dimensionar a tremenda força de pressão que tão vultuosos interesses podem desencadear.

A esperança dos técnicos: "ver concretizadas as idéias de criação de uma estrutura adequada ao resguardo dos interesses do País".

ESPECIAL

O repórter Percival de Souza visitou dois garimpos no Pará e no Amazonas. E apesar de toda riqueza que a região produz, a vida dos garimpeiros é sacrificada. Trabalham às vezes como mergulhadores, durante horas sob a água. Ou sob temperaturas de 40°. Imagens da terra e dos homens do garimpo estão na última página.

No garimpo

Vamos voar para o garimpo do Patrocínio, na região do Tapajós, onde existem mais de 80 garimpos conhecidos. A única forma de se chegar ao Patrocínio, nome de seu descobridor, é o avião.

Roteiro obrigatório: Belém-Santarém-Itaituba. Nessa última cidade, é preciso fretar um pequeno avião para ir a qualquer dos garimpos. No caso do Patrocínio, mais de uma hora de voo — e o frete é caríssimo, Cr\$ 40.000.

Há poucos dias, houve uma crise nos garimpos desse lugar: faltou gasolina de aviação, e quase 50 aviões ficaram em Itaituba sem poder levantar voo, provocando o isolamento dos garimpeiros. Os voos tornaram-se, então, ainda mais caros, porque a gasolina precisava vir de Mato Grosso.

O garimpo do Patrocínio, contudo, resistiu. Afinal, seu supervisor é José Cândido de Araújo, o famoso Zé Arara de Itaituba, um homem de muitos bens e muitas posses — fazenda, garimpos, prédios de apartamento, casas de aluguel, uma empresa de táxi aéreo.

Zé Arara tem amigos e inimigos; mas a maioria, ali, se refere respeitosamente ao "seu Zé Arara", apelido que ele gosta de cultivar. Também compra ouro, e sua loja — "Mineração Zé Arara" — possui o enorme desenho de uma arara, mesmo símbolo que também pode ser visto nos seus aviões.

A pista do Patrocínio tem cerca de 600 metros, e é considerada a melhor por aqui — afinal, a maioria têm apenas 300 metros, no máximo. Assim que o avião desce, vemos a corrutela do Zé da Ripa.

Corrutela, aqui, é como os garimpeiros chamam o pequeno armazém onde podem adquirir os produtos essenciais para a sobrevivência na selva. E Zé da Ripa foi um dos primeiros a chegar a este garimpo. Seu estilo era de pesquisar nos barrancos, fazendo escoras com ripas para poder trabalhar melhor. Nasceu assim o seu apelido. Hoje, depois de 16 anos no Patrocínio, Zé da Ripa acha que vive "no paraíso", embora as condições de trabalho no garimpo sejam rudes. Mas não para ele, que em 1984 gastou três meses para chegar ao Patrocínio, saindo de Itaituba pelo rio Tapajós.

Hoje, ganha uma fortuna para explorar a sua corrutela, pagando uma taxa para Zé Arara, que mandou abrir a pista para os aviões. Com uma pequena lata de guaraná custando 100 cruzeiros no garimpo, pode-se ter uma idéia do custo de vida. Uma cerveja, 200 cruzeiros — e os gêneros de primeira necessidade, bem mais caros — tudo muitas vezes pago a gramas de ouro. Isso cria uma relação de completa dependência entre o garimpeiro e o comerciante.

No Patrocínio, havia algumas casas à beira da pista, e até há poucos meses, algumas casas ocupadas por mulheres. Eram as prostitutas que iam para o garimpo, também em busca da fortuna. Mas, opinião unânime nos garimpos, "onde existe mulher e bebida alcoólica há muita confusão". Zé Arara, assim, não hesitou em expulsar as mulheres e proibir as bebidas.

O local de exploração do ouro fica a uma caminhada de quase uma hora adiante da pista. Chega-se então aos barrancos, onde dezenas de homens trabalham febrilmente, nas bocas de serviço (maneira pela qual eles se referem ao trabalho desenvolvido nos lugares onde o ouro foi descoberto).

O início dessa exploração obedece a critérios variados. Cada "barranco" ou "boca de serviço" tem um dono. Este, por sua vez, paga uma quantia ao dono do garimpo — no caso, Zé Arara, que compra a produção. De qualquer modo, um negócio rendoso, se bem que só a abertura de um barranco — computando-se a compra de material e o pagamento de pessoal — nunca fica por menos de 400 mil cruzeiros.

José Raimundo, um dos muitos irmãos de Zé Arara, está no Patrocínio. Durante 13 anos, foi gerente do Bradesco. Largou tudo pelo ouro. E a julgar pelo seu sorriso permanente, não tem nenhum motivo para se arrependido do dia em que pediu demissão do banco.

No garimpo do Patrocínio, a principal boca de serviço é comandada por "Marabá", um negro sempre sorridente, que maneja a batéia com extrema perícia. Na véspera do Natal do ano passado, ele deixou a sua cidade, Marabá, mesmo sabendo do que se falava sobre Serra Pelada.

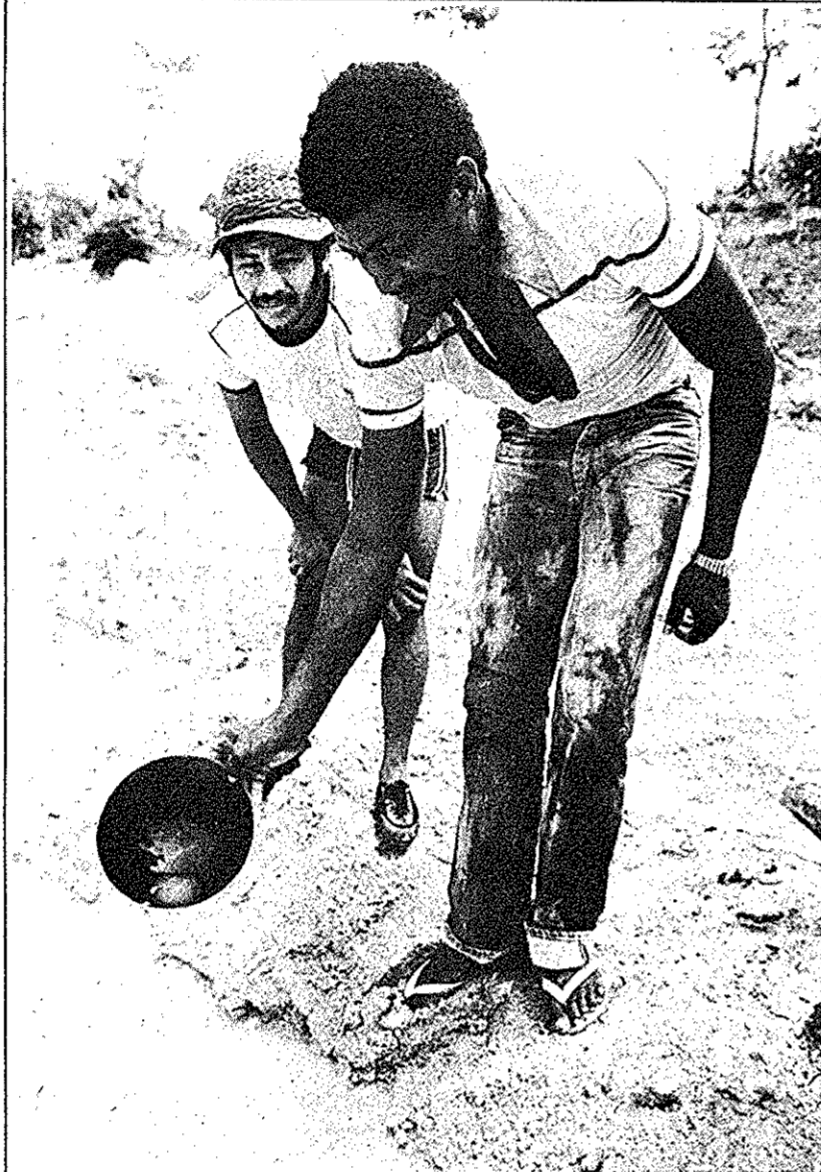
Ele foi para Itaituba e de lá para o Patrocínio: "Prefiro trabalhar com motor e carrinho". Além disso, paga-se muito mais pelo ouro nos garimpos de Itaituba do que em Serra Pelada — quase 200 cruzeiros a mais por grama. E o controle não é tão rígido.

Em torno dos barrancos, mangueiras esticadas. Num ponto mais alto, um motor movido a diesel trabalha sem parar, puxando água misturada com cascalho. Um sistema simples: a água corre sobre tábuas de madeira, com pequenas divisórias, para separar as maiores impurezas.

Em torno dos barrancos, os garimpeiros mexem as suas batéias. Marabá, didático, apanha uma batéia, mergulha na água barrenta e não precisa mais do que dois minutos para uma exibição: fazendo a batéia girar, logo o ouro, quase em pó, vai-se acumulando no fundo.

O fotógrafo do Jornal da Tarde documenta a seqüência. Marabá deixa só o ouro no fundo da batéia e ele mesmo calcula que ali haja mais de uma grama. Marabá pergunta se as fotografias já estavam batidas. O fotógrafo confirma e ele, com a maior naturalidade, joga aquele pouco mais de grama de ouro de volta à água, como se aquilo não tivesse maior valor. (Pela cotação do dia, Marabá, acabava de desprezar cerca de Cr\$ 1.500,00).

Os garimpeiros em sua maioria são homens sem nome. Como Marabá, que sorridente afirma que basta chamá-lo assim para todos saberem quem é, pois muitos são conhecidos apenas por apelidos. No garimpo do Patrocínio, há uma grande maioria de homens que chegaram do Maranhão. Entre eles, mul-



"A fotografia já está pronta? Depois de exibir sua habilidade com a batéia, recolhendo mais de grama e meio de ouro em dois minutos, "Marabá" o jogou de volta à água barrenta do rio. Na cotação do dia, estava desprezando mil e quinhentos cruzeiros. Como ele, muitos garimpeiros não têm nome. Só apelidos. Há os que tentam iniciar vida nova. Os foragidos da polícia e até os que se querem livrar da família. Ou da mulher.

Onde gastam todo o dinheiro?

Dino Rossi, garimpeiro no rio Marupá, estava eufórico nesse dia, com a quantidade de ouro encontrada. Nem trabalhou. Foi para a "beira", onde ficam as mulheres do garimpo, e gastou tudo com elas e com bebida. No fim da tarde, mostrava os símbolos de status aos amigos: óculos de sol, rádio novo e mulher à tiracolo. A caixa de sabão em pó é para um banho no rio. Como ele, muitos chegam à "beira" cheios de dinheiro ("bamburrados") e saem sem nada ("blefados").

tos que tentam iniciar uma nova vida. É certo que há homens foragidos da Justiça, ou da Polícia, ou que quiseram ficar longe da família, e mesmo da mulher.

Moram em pequenas cabanas cobertas de sapé, onde cada um tem a sua rede esticada. Apesar de todo o dinheiro que gira em torno daquela região, as condições de trabalho e permanência no local são precárias ao extremo. É preciso ter muita saúde para escapar da malária — uma ameaça permanente — e ficar pisando naquele solo úmido com o sol forte sobre a cabeça.

Mas eles resistem às jornadas de trabalho, árduas, pelo menos 8 horas todo o dia. Aqui, o sol é tão forte que há uma diferença no horário oficial — uma hora a menos em relação aos demais Estados, como fazem também no Amazonas e Mato Grosso.

No Patrocínio, boa parte dos garimpeiros prefere trabalhar como diarista. Nesse sistema, recebem alimentação e mais 600 cruzeiros por dia. E nunca deixam de guardar as suas gramas de ouro.

Marabá não fala em termos técnicos. Seu grande poder é o da percepção. Que lhe permite discordar dos homens estudados, se for o caso: "Olha, doutor geólogo, o senhor vai me desculpar mas eu vou seguir outro rumo. E lhe digo mais: casos de homens rudes que, no garimpo, discordam de geólogos na hora de decidir onde deve se con-

centrar a busca do ouro. Marabá fica em busca das grotas, preciosos lugares onde, como ele descreve — "corre água, raso, até uns quatro ou cinco palmos de fundura".

E ele tem o poder de decidir onde trabalhar. Ou não trabalhar. Uma decisão importante, na qual o risco é todo seu, pois foi ele quem contratou os homens que ali estão sob o seu comando.

Da pesquisa no cascalho, ou água lamacenta e da amostragem de ouro recolhida, Marabá resolve se deve prosseguir: "Se for ouro forte, garimpa" — diz ele. Se não... procura-se ouro "mais forte", ou seja, mais puro. E o ouro "fraco", de menor teor, fica para trás, mesmo que seja em grande quantidade. No chão e nos barrancos, a marca das pás e enxadões.

No garimpo do Patrocínio, a solidão é total. Sem mulheres, sem bebidas, sem lazer. A companhia é o rádio de pilha, sempre sintonizado nas ondas curtas de uma rádio de Brasília, a Nacional.

O banho, no rio Igarapé. Quarenta graus à sombra, o garimpeiro veste a roupa sem se enxugar: está seco em minutos. A solidariedade existe na hora da doença, a malária. Ai, os pilotos levam os doentes para a cidade, de graça.

Mas ele evita sair. Agora, no Patrocínio, um jovem de 20 anos — mas que aparenta ter pelo menos o dobro — está deitado numa rede há quase uma semana. Apanhou a malária mas não quis sair, achou que ficaria bom em três dias. Voltou a



"Marabá", o dono da "boca de serviço", olha o "barranco" para ver se vale a pena continuar ali: sua intuição também vale ouro.



trabalhar. A malária também voltou. Ele toma apenas alguns comprimidos para dor de cabeça, Novalgina, e diz que está "medicado". Deitado na rede, espera melhorar.

Como apanhar malária? "Muito fácil. Aqueles mosquitos, principalmente no pôr-do-sol", dizem todos.

Na beira do barranco, o grupo de homens não pára. Uns transportam areia em carrinhos; outros manejam pás; um grupo fica perto da bomba, peneirando o cascalho.

Um dos homens grita: "Éta sol danado, vou tomar um pouco d'água". Enfia a pá no chão, a água surge, amarelada, num pequeno círculo. E é ali mesmo que ele enfia uma latinha, enche daquela água e toma de um gole só.

Rudes, mas hospitaleiros. Nada dizem se o visitante não puxar conversa. E suas ambições são inacreditáveis: mês a mês, ou de dois em dois meses, ir à cidade, e gastar tudo com bebidas e mulheres. Fazer algumas extravagâncias, como mandar lavar o chão do bar com cerveja. Depois, voltam para o garimpo, onde vão começar tudo outra vez.

O GARIMPO DO GOIANO
Depois do Patrocínio, vamos voar para um tipo de garimpo que está despertando preferências. Vamos para o garimpo do Goiano, às margens do rio Marupá. No rio, balsas com coberturas coloridas — vistas de cima, parecem barracas armadas sobre o rio.

A pista é curta, não chega aos

400 metros, e Lima, nosso piloto, precisa demonstrar toda a sua habilidade. Tão curta que ele confundiu com uma outra, com morrinhos na pista. Assim, conhecemos — sem querer — a pista do Pai Velho, uma das piores da região. Aliás, é preciso descer e, imediatamente, pedir desculpas — a recepção, por estratégia do dono do garimpo, pode não ser nada hospitaleira.

O avião levanta voo novamente. Pelo rádio, Lima consulta os colegas que estão voando naquela hora. Recebe descrições como instrução, "ali perto da cachoeira". Do alto, parece impossível descer naquelas pequenas pistas. E a visão da floresta chega a ser assustadora: o piloto sabe que, se cair, poderá ter habilidade para escapar ileso. O difícil será sobreviver, se não conseguir cair nas proximidades de um rio: da mesma forma como se abrem as copas das árvores se fecham imediatamente, sem deixar nenhum vestígio. Lá de cima, antes de descer na pista certa, vemos as coberturas coloridas.

E o ouro que está sendo extraído do rio Marupá. Muito ouro. São 300 balsas, pelo menos, nesse trecho do rio. Os motores de sucção são montados sobre duas balsas.

É difícil conversar ali em cima, por causa do forte barulho. Mas há quem diga que algumas dessas balsas produzem mais de um quilo de ouro por semana. Outras, conseguem manter a média de 60 gramas por dia.

A função mais importante, e mais bem paga, é a do mergulhador. Curiosamente, não encontramos ninguém que tivesse feito curso de mergulhador. Todos aprenderam ali mesmo. Chegaram atraídos pelo ouro — como todos — e em sua maioria faziam apenas trabalhos braçais em suas terras de origem.

Escolhemos uma balsa para ver como funciona esse esquema. O mergulhador, a profundidade variadas (de 5 a 6 metros) desce e segura a mangueira de sucção. Por um compressor, recebe o ar que aspira pela boca. Para manter-se no fundo, usa um cinturão com 30 quilos de chumbo.

Na hora em que chegamos, um mergulhador estava sob a água há duas horas e meia. Na balsa, tranquilo, outro mergulhador conta que é assim mesmo — alguns deles aguentam duas, outros três horas... E dá uma gargalhada: "essa é a caça submarina do ouro".

São homens que não fizeram curso nenhum, mas que são muito bem pagos. Eles contam, com naturalidade, que no começo existem algumas dificuldades — o organismo reage, alguns cospem sangue; de outros, sai um pouco de sangue dos ouvidos — "mas depois a gente se acostuma".

Aqui no rio Marupá, as despesas de alimentação são pagas pelo patrão, ou seja, o dono da balsa. E o salário, bastante tentador: 7,5 gramas de ouro por dia. Ou seja: no mínimo, Cr\$ 7.500 diários.

Depois de minutos de espera, Luis Rodrigues de Souza, um maranhense de 32 anos, sobe à tona. Havia ficado mais de três horas debaixo d'água. Seu caso é um exemplo típico: chegou como aprendiz. Mergulhou sozinho, no começo escarrava sangue.

— Como é a sensação de ficar lá embaixo tanto tempo?

— Ah! A gente fica desistido do mundo...

— E o dinheiro que você ganha, vale a pena?

— Nunca ganhei tanto dinheiro na minha vida.

— E o que você faz com tanto dinheiro?

— Eu gasto tudo na beira...

No garimpo, existe também um linguajar próprio, quase uma gíria exclusiva de garimpeiros. "Beira", como diz Luis Rodrigues, é a zona do meretrício, que existe nesse garimpo às margens do Marupá. Os quartos que habitam ficam quase ao lado de uma "boate" — na verdade, uma sala com aparência de bar.

A função delas é fazer os garimpeiros beberem, porque tudo é muito caro: a cerveja pode custar até 1 grama de ouro.

Depois de certo horário, o que cada uma fizer é problema dela. Cada homem no quarto, duas gramas de ouro. E por isso que as prostitutas comentam que também vão "garimpar". Para os garimpeiros, elas são as "plantas", ou simplesmente as "raparigas". Com essas mulheres e com a bebida é que gastam todo o dinheiro, tudo aquilo que conseguem mergulhando ou na superfície. Assim, entram com dinheiro ou gramas de ouro na "beira" e dali saem "blefados", isto é, sem dinheiro (ou ouro) nenhum.

É difícil entender como podem levar a vida somente assim. É o ciclo vicioso: chegar à "beira" sorridente, feliz, "bamburrado" (com muito ouro) e sair sem nada, "blefado"... gastar todo o dinheiro, sempre dessa forma, é "gastar na beira".

No Marupá, cada balsa tem o seu efetivo. São quatro mergulhadores que se revezam em cada uma, num total de 10 horas de trabalho. Cada um deles fica pelo menos duas horas sob a água.

Nessa tarde em que o Jornal da Tarde esteve no rio Marupá, encontramos um garimpeiro típico. Ele havia chegado há pouco tempo ao garimpo. Trabalhava na roça e nunca havia visto tanto dinheiro.

Dino Rossi de Souza, esse garimpeiro, estava eufórico. Tanto que resolveu não trabalhar naquele dia. Passou a tarde na "beira", bebeu bastante e no final da tarde foi à beira do rio mostrar que era um homem bem-sucedido, de status: óculos escuros, um chapéu preto, um grande rádio e toca-fitas de pilha, abraçado a uma prostituta.

Como se vê, é possível faturar milhões sem trabalhar diretamente com o ouro — vendendo alimentação, tabaco e munição, explorando a venda de bebidas e o lenocínio. São os homens que representam uma parcela dos intermediários.

— Eles matam pelo estômago — comenta, desolado, Samuel Lemes Silva, um engenheiro que supervisionou durante quatro anos uma tentativa (fracassada) de modificar esse esquema, com a criação da Cooperativa Mista dos Garimpeiros do Tapajós.

Essa cooperativa procurou anular a figura do intermediário, fazendo de tudo: vendendo os produtos diretamente para o garimpeiro, e ela própria comprando o ouro, por preço normal (e não abaixo da tabela, como sempre acontece). Aos sábados e domingos, médico e dentista iam aos garimpos e até analistas clínicos (para verminose e malária) eram feitas. Ministravam-se noções de higiene... e logo Samuel foi "acusado" de pretender "sofisticar demais" os garimpos. Seus recursos foram sendo gradativamente cortados, sofreu bloqueio econômico a ponto de ficar com 500 quilos de ouro estocados, sem ter para quem vender... a não ser para os representantes de grupos fortes, que esperavam ansiosamente pela sua saída. E ele foi mesmo forçado a desistir.

É assim que os nossos garimpeiros — cerca de 600 mil, conforme estimativa de um estudo do Ministério das Minas e Energia — vivem e trabalham. As fortunas vão para fora dos garimpos — e os garimpeiros — com poucas exceções, vivem "de ilusão", como muitos deles gostam de definir.